Os últimos dias de Tchekhov, por W. G. Sebald

Douglas Valeriano Pompeu

Sobre autor, obra e tradução

W. G. Sebald, nascido em 1944 em Wertach na região de Allgäu, Alemanha, morto em 2001 em um acidente de carro em Norwich, Inglaterra, é conhecido no Brasil mais pela sua prosa (*Os Emigrantes*, *Anéis de Saturno* e *Austerlitz*) do que pelos seus ensaios e sua poesia, se é que se pode separar tão categoricamente esses gêneros na obra do autor. No entanto, sua primeira publicação, ainda sem tradução no Brasil, foi um livro de poesia chamado *Nach der Natur. Ein Elementargedicht* (1988) (traduzido por *Do Natural. Um poema elementar* pela editora portuguesa Quetzal, em 2012), que apresenta um longo diálogo entre o pintor Matthias Grünewald, o naturalista Georg Wilhelm Steller e o próprio autor. Essa obra já apresenta as grandes particularidades de sua prosa, caracterizada pela ensaística, a autoficção e altas doses de lirismo, e formada pela linguagem imagética, a sintaxe intrincada e digressiva e o uso de fotografias.

É comum que seus personagens sejam melancólicos, surjam em um momento de convalescença em estâncias termais, que seus narradores sejam errantes, recolham rastros e semelhanças significativas em suas caminhadas e que remetam a episódios biográficos de outros autores e os misturem à sua própria vida. O poema “Em 9 de junho de 1904”, publicado no periódico suíço *Die Weltwoche*, em junho de 1996, apresenta algumas dessas características do universo sebaldiano: Anton Pavlovich são os dois prenomes do conhecido autor russo Tchekhov (1860-1904); o poema inicia-se com seus últimos dias de vida em Badenweiler, descreve a sua morte e termina com a passagem de Sebald pelo local onde Tchekhov por fim expirou, delineando uma ligação no tempo e no espaço entre a caminhada de Sebald e o fim patético do escritor russo. O fato de o corpo do grande escritor russo ter sido enviado pelos alemães em um caixote

para ostras de volta à Rússia, não parece ser apenas um detalhe para Sebald como não foi para Maxim Gorky. Assim como não o é a confusão entre o cortejo de um militar e o do poeta. Esses dois fatos criam uma atmosfera de violência e animosidade que percorre todo o poema. Vale lembrar que o tempo e sua relação com a violência e o poder também é um problema recorrente na obra de Sebald. Esse problema aparece logo no início do poema em questão. Ao se referir ao calendário criado por Júlio César, Sebald parece querer chamar a atenção para a maneira arbitrária como contamos o tempo. Júlio César, como comandante militar, personifica essa arbitrariedade no poema, enquanto que outros líderes militares, como Napoleão, ocupam esse papel em outros textos do autor.

Em relação às fotografias, num primeiro momento elas parecem servir como testemunhos, mas estão carregadas de intensa atmosfera fantasmagórica e fantástica que vão além da simples função documental da fotografia e de nossa relação com a referenciação. Na fotografia que abre o poema (o cartão postal de Badenweiler), Tchekhov escreve a sua mãe: “Querida mamãe, como vai a senhora? Meu estado de saúde está melhorando e acredito que em algumas semanas estarei novamente bem. Aqui me agrada. É calmo, muito ensolarado, mas não quente demais. Olga envia a senhora cumprimentos e beijos. Mande meus cumprimentos, por favor, a Mascha, Vanga e a toda a família. Também para a senhora meus melhores desejos. Eu beijo a sua mão. Ontem escrevi uma carta a Mascha. Seu Anton.” Apesar de estar morrendo, escreve à mãe que está convalescendo, como parece ter feito com a irmã, Mascha, e com os amigos. Lendo a carta à Mascha de 28 de junho, é possível concluir que Sebald escreveu o poema a partir dessa carta. No caso das outras duas fotografias, como informado na edição do periódico suíço, elas foram tiradas por M. J. Gribov no momento da chegada do corpo de Tchekhov em Moscou e mostram a confusão dos cortejos fúnebres simultâneos de Tchekhov e do general Fyodor Keller, que fez com que muitos dos enlutados pelo poeta seguissem o cortejo do general por engano. Todas as imagens chegaram a Sebald por meio de Gordon McVay, professor de literatura russa da Universidade de Bristol.

*

A presente tradução procurou transmitir a atmosfera melancólica do poema, por meio do ritmo lento e pesado, e tentou dar a devida atenção às passagens mais imagéticas como as descrições do espaço e da paisagem, que muitas vezes são compostas de frases sem verbos, como se simulassem um instantâneo. As dificuldades derivam no geral da liberdade do verso de Sebald e se encontram principalmente na linguagem por vezes intrincada do poema que se vale frequentemente do *enjambement* e que em muitos casos produz ambiguidades. Com algu-

ma liberdade, já que mantive as estrofes com 6 versos, tentei produzir a mesma estrutura linguística em português.

Para dar alguns exemplos, aponto o caso da estrofe sobre a chegada dos dois cortejos. “(...) Beim Eintreffen der Leiche/auf dem Nikolayevsky Bahnhof/in Moskau spielt eine/Janitscharenmusik/vor dem zu gleicher Zeit/aus der Mandschurei/(...)”. Na minha tradução, sabe-se já nessa estrofe, que se trata de um caixão que chegou da Manchúria; no original, não. O caixão é mencionado somente na próxima estrofe. Mas, ao mencionar o caixão, procurei manter a ambiguidade em relação aos dois caixões: somente na próxima estrofe sabe-se que o caixão que recebeu as honras foi o do general Keller, não o de Tchekhov.

Além disso, em algumas passagens, optei por uma solução mais sintética, evitando algumas redundâncias ou ênfases do alemão. Como na solução para “(...) Der Sterbende, schon tief/in die Kissen gesunken (...)”, literalmente “o moribundo já caído fundo no travesseiro”, por “O moribundo, profunda-/mente caído na cama (...)”. Nesse caso, evitei o “já” em nome das aliterações e assonâncias para enriquecer a sonoridade do verso. Sonoridade cara a Sebald em passagens como “(...) in einem gekühlten grünen/Güterwagon auf dem in grossen (...)”, aliteração de “g” que procurei reproduzir no português com “v” e “g” em “(...) verde/vagão de cargas refrigerado/e gravado (...)”

Também guiado por um senso sintético foi possível, com uma palavra em português, substituir duas em alemão, sem que se perdesse o sentido do original. No verso que descreve o rio Reno “(...)die nun schimmert und zittert(...)”, literalmente “que agora cintila e treme”, achei ideal usar o adjetivo já corrente na literatura de língua portuguesa “tremeluzente” que expressa o sentido dos dois adjetivos em alemão.

Por fim, algumas escolhas lexicais que pudessem se valer da polissemia também me foram caras na tradução: quando o eu-lírico, por exemplo, ao descrever o traslado do corpo de Tchekhov, diz que o corpo vai empacotado pelo continente (*verpackt*), recorri ao sentido polissêmico de “embalado”, palavra que carrega em si o sentido melancólico do acalanto materno e da frieza do acondicionamento de objetos. Com semelhante intenção, pareceu-me apropriado traduzir o adjetivo “erloschen”, referente à luz do sol que se põe no último verso, por “extinto” e não simplesmente por “apagado”, tentando assim tornar mais próximo o esmaecimento das cores (-tinta) que vão se retirando (ex-) ao pôr do sol.

Figura 1 – Cartão Postal de Badenweiler com notícias escritas a mão por Tchekhov. Reprodução digital do espólio de W. G. Sebald, disponível no Deutsches Literaturarchiv Marbach, Alemanha.

Em 9 de junho de 1904

segundo o calendário
juliano, em 22 de junho
de nossa contagem,
Anton Pavlovich alcança
com Olga Leonardovna
a estância termal Badenweiler.

Por refeição e abrigo,
paga dezesseis marcos
na vivenda Friederike,

mas nem o *habermus*¹,
nem o chocolate espesso
dão-lhe sinais de melhora.

O enfisema obriga-o
deitar-se o dia todo
na espreguiçadeira
do jardim e admirar
repetidamente o silêncio
raro no interior da casa.

1 Um mingau feito de espelta, ou trigo-vermelho, cereal bastante cultivado na região dos Alpes. Além de estar presente há séculos na culinária suábica, a espelta foi bastante empregada pelos tratamentos da medicina Hildegard, baseados em plantas, pedras e raízes. O *habermus* é inclusive uma das receitas de Hildegard para o tratamento de problemas intestinais, como para a melancolia e para a depressão. Segundo a gramática de Jacob Grimm, a palavra “haber” quer dizer “doador de vida” e “mus”, “alimento”, no dialeto alemânico antigo.

Ao fim do mês, calor
extremo de estiagem,
alento algum no ar oscila
as folhas nas montanhas,
o vale do rio distante,
nível esfumaçado.

Em 28 de junho,
Olga em pessoa vai a Freiburg
comprar um terno de flanela
leve. No dia seguinte, ao toque
do Angelus, o primeiro
infarto, e então o último

na próxima noite.
O moribundo, profunda-
-mente caído na cama,
murmura mulheres
alemãs têm sim terrível
gosto para vestidos.

Assim que alvorece,
o médico deita-lhe
gelo sobre o coração,
ministra-lhe morfina
e uma taça de champanhe.
A viagem pra casa, pensava,

seria a bordo do austríaco
Lloyd, de Marselha
para Odessa. Em vez disso,

o traslado será num verde
vagão de cargas refrigerado
e gravado com o rótulo

OSTRAS, em letras
garrafais. Entre moluscos
mortos ele segue
então mudo como eles
embalado em uma caixa
através do continente.

À chegada do corpo
na estação Nikolayevsky,
em Moscou, uma música
janízara acompanha
o esquife que ao mesmo
tempo trouxe da Manchúria

o general Keller,
enquanto os parentes
e os amigos do poeta,
uma pequena comuna
de luto, que vista
à distância parece

uma negra lagarta
felpuda, se move,
como é propagado
por muitos, ao timbre
de uma marcha lenta
na direção errada.

Figura 2 – Cortejo fúnebre de Tchekhov, fotografia de M. J. Gribov. Reprodução digital do espólio de W. G. Sebald, disponível no Deutsches Literaturarchiv Marbach, Alemanha.

Noventa anos depois

em uma tarde
de domingo, no mês
de novembro, viajei
de Freiburg pro sul
sobre as montanhas
da floresta negra.

Dali até o portão
burgúndio, nuvens
graves e estáticas,
a terra nas sombras
lá embaixo, escura,
e o tracejado das

videiras morro acima.
Badenweiler parece
sem vida depois de
uma forte epidemia
de verão. Eu imagino
sangramentos quietos

dentro de cada casa

e em lugar nenhum
há viva alma, até os
estacionamentos
nos pátios, vazios.
Somente no arboreto

sob imensas sequoias
encontro sozinha,
cheirando a patchouli,
uma dama e branco
em seus braços um
cãozinho pomerânia.

Ao romper da
noite, o sol
se põe no oeste,
entre as nuvens e
a moldura celeste
da serra Vosges,

a luz por pouco

extinta flutua sobre
a planície do Reno,
agora tremeluzente

como a margem salgada
de um mar ressecado.

Figure 3 – Cortejo fúnebre de Tchekhov, fotografia de M. J. Gribov, Reprodução digital do espólio de W. G. Sebald, disponível no Deutsches Literaturarchiv Marbach, Alemanha.

W. G. Sebald

Am 9. Juni 1904

nach dem julianischen
Kalender, am 22. Juni
nach unserer Zeitrechnung
erreicht Anton Pavlovich
mit Olga Leonardovna
die Kurstation Badenweiler.

Sechzehn Mark zahlt er
in der Villa Friederike
für Kost und Logis,
aber das Habermus

und der dicke Kakao
schlagen nicht an.

Wegen des Emphysems
liegt er den ganzen Tag
auf einem Lehnstuhl
im Garten und wundert sich
wiederholt über die seltsame
Lautlosigkeit drinnen im Haus.

Ungemein heisses Sommerwetter

gegen Ende des Monats, kein
Hauch in der Luft, reglos
die bewaldeten Berge,
das ferne Stromtal
im schneeweissen Dunst.

Den 28. fährt Olga eigens
nach Freiburg, einen Anzug
zu kaufen aus leichtem
Flanell. Folgenden Tags zur
Angelusstunde der erste
Infarkt, der zweite dann

in der nächsten Nacht.
Der Sterbende, schon tief
in die Kissen gesunken,
murmelt, die deutschen
Frauen hätten doch einen
furchtbaren Kleidergeschmack.

Wie der Morgen graut,
legt ihm der Arzt
Eis auf das Herz,
gibt ihm Morphinum
und ein Glas Champagner.
Ans Heimreisen dachte er
noch mit dem österreichischen
Lloyd von Marseille aus
nach Odessa. Stattdessen
wird man ihn überführen

in einem gekühlten grünen
Güterwagon, auf dem in grossen

Lettern die Aufschrift FÜR
AUSTERN steht. So also
ist er unter die toten
Mollusken geraten und rollt stumm
wie diese in eine Kiste verpackt
quer durch den Kontinent.

Beim Eintreffen der Leiche
auf dem Nikolayevsky Bahnhof
in Moskau spielt eine
Janitscharenmusik
vor dem zu gleicher Zeit
aus der Mandschurei

angelangten Sarg
des Generals Keller,
und die Anverwandten
und Freunde des Dichters,
eine kleine Trauergemeinde,
die aus der Ferne gesehen

einer schwarzsamtenen
Raupe gleicht, bewegt sich,
so wird von mehreren
überliefert, zu den Klängen
eines langsamen Marschs
in der falschen Richtung davon.

Neunzig Jahre später

an einem Sonntag-
nachmittag im Monat
November fuhr ich
von Freiburg südwärts
über die Vorberge
des Schwarzwalds.

Bis zur burgundischen
Pforte hinab niedrige
unbewegliche Wolken,
im Schatten darunter
dunkel das Land,
das Gestrichel der

Weinstöcke hügelan.
Badenweiler scheint
nach einer schweren
Sommerepidemie
ausgestorben. Stille
Blutstürze, glaub ich,

in jedem Haus und jetzt
nirgends mehr eine
lebende Seele, sogar

der Parkplatz bei
den Anlagen leer.
Einzig im Arboretum

unter den Riesensequoien
begegne ich einer einsamen
nach Patschouli duftenden
Dame, die ein weisses
Pommeranerhündchen
auf ihren Armen trägt.

Beim Anbruch des
Abends senkt sich
im Westen die Sonne
zwischen die Wolken
und den Himmelsrand
des Vogesengebirges

und das beinahe schon
erloschene Licht flutet
über die Rheinebene,
die nun schimmert und zittert
wie das salzige Ufer eines
ausgetrockneten Meers.